



## ASPECTOS COLONIAIS NA HQ ARCHIE PRESENTE NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Loyanny Alves Ramos (UEG)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar como as ideologias colonizadoras, ainda tão internalizadas nos discursos, aparecem dissimuladas como verdades na história em quadrinho (HQ) “Archie #597” (Archie *Comic Publications*, Inc. 2009. p. 1-2), presente no livro didático de língua inglesa do 7º ano do Ensino Fundamental II, da coleção didática *It Fits* (2015). Essa é uma obra coletiva organizada e produzida por Edições SM e editada por Ana Luiza Couto (2015). A coleção está inscrita no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do triênio 2017-2019 e foi distribuída em escolas públicas estaduais do Estado de Goiás. Sabemos que os quadrinhos estão presentes em grande parte dos livros didáticos de línguas e que, geralmente, eles são usados como forma de entretenimento e, com menos frequência, para iniciar debates e/ou atividades. Assim, tendo como aporte teórico a Linguística Aplicada Crítica embasada, principalmente, pelos estudos de Luiz Paulo da Moita Lopes (2006) e João Colares da Mota Neto (2018) analisamos aspectos coloniais na HQ “Archie#597”. Para fundamentar a discussão quanto à relação HQs e ensino utilizamos os trabalhos de Waldomiro Vergueiro (2018) e temos como método de análise o dispositivo da Análise do Discurso conforme a pesquisadora Maria do Rosário Gregolin (2011). Nesse sentido, nos atentamos para o reforço de uma estética, majoritariamente, branca e elitista presente no Livro didático. Partindo desses vieses, entendemos que os padrões colonizadores que regem determinado ideal social estão presentes na HQ de Archie #597 (2009). Há, portanto, uma ênfase em padrões neoliberais e culturas distantes das camadas sociais que frequentam as escolas públicas goianas.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos. Ensino de Língua Inglesa. Colonização. Diversidade.

### Introdução

No Brasil, as Histórias em quadrinhos (HQs) passaram a fazer parte do Livro Didático (LD) principalmente após avaliação positiva do Ministério da Educação nos anos de 1990 que orientava autores a diversificarem a linguagem utilizada nas edições do LD (VERGUEIRO, 2018). Isso fez com que os quadrinhos se tornassem aliados no

<sup>1</sup> Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG)



processo de ensino-aprendizagem não somente no campo das linguagens, mas também, em outras áreas do conhecimento.

Dessa forma, neste estudo, temos como propósito analisar como ideologias colonizadoras aparecem no discurso do quadrinho Archie #597 (2009) - presente no livro didático de língua inglesa do 7º ano do Ensino Fundamental II, da coleção didática *It Fits* (2015) que fora inscrita no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do triênio 2017-2019 e distribuído em escolas públicas estaduais do Estado de Goiás.

Para analisarmos essa HQ, utilizamos o dispositivo metodológico da Análise do Discurso em uma proposta semiológica conforme Gregolin (2011). Esse método nos permite “pensar sobre as relações que as palavras estabelecem com as imagens” (GREGOLIN, 2011, p. 99) e isso é possível quando observamos a sociedade, a história e os sujeitos dos discursos que articulam de maneiras distintas as ordens do dizível e do visível. Desse modo, ambas as materialidades discursivas são regularizadas e jogos de memória e esquecimento fazem retornar discursos outros (GREGOLIN, 2011).

Nessa direção, pretendemos lançar um olhar crítico sobre essa HQ. Dado o objetivo desta pesquisa, visamos responder a seguinte questão: como as ideologias colonizadoras foram encobertas na HQ Archie #597 (2009)? Nesse sentido, os autores Ferraz, Duboc e Souza (2020, p. 2345), afirmam que

A colonização acabou, mas os efeitos continuam e os seus efeitos no seu sentido que os nossos modelos acadêmicos, o modelo da universidade que a gente tem ainda é um modelo deles, colonial; ainda reproduzimos os valores da modernidade que vieram da Europa, do Iluminismo, que valorizaram duas coisas: o ser humano como sendo superior a outras formas de vida (FERRAZ; DUBOC; SOUZA 2020, p. 2345).

Nesse mesmo segmento, Mota Neto (2018, p. 5) aponta que “o conceito emancipador hegemonicamente contido na ideia de modernidade é um mito porque não revela que ela só foi possível graças à opressão colonial que impôs aos povos conquistados da América Latina e de outros continentes.” Assim, consideramos a presença de ideologias coloniais nos discursos em suas várias materialidades discursivas



como o verbal e não-verbal e isso apaga nossa diversidade cultural, bem como, a de outros povos.

Esses apontamentos se fazem importantes para evidenciar pelo o que advogamos nesta pesquisa e que o fato de analisar criticamente o quadrinho não significa que o consideramos irrelevante no processo de ensino; pelo contrário, conforme Carvalho (2018, p.79), “a multimodalidade presente nas HQs facilita e estimula as práticas de leitura e escrita, uma vez que o contato com esse gênero textual, visto pelos alunos como leve e agradável, possibilita uma maior intimidade com o ato de ler e produzir texto.” Além disso, “as histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico” (VERGUEIRO, 2018, p. 21). Os autores supracitados, em seus respectivos estudos, enumeram diversas vantagens quanto ao uso de quadrinhos em sala de aula. Entretanto, muitos livros didáticos, ao apresentarem atividades ou conteúdos com HQs, geralmente, as utilizam com fins de entretenimento. Luyten (2011, p.25) reitera tal assertiva ao dizer que os quadrinhos presentes no LD, comumente,

têm um objetivo puramente comercial e nem sempre estão preocupados se isto vai mesmo ajudar tanto o professor como o aluno. Neste caso, é importante o professor estar familiarizado com a linguagem dos quadrinhos e até tornar isto uma questão de aula, fazendo uma leitura crítica com os alunos (LUYTEN, 2011, p.25).

Nesse sentido, é necessário que o professor encontre um espaço para uma reflexão crítica para, a partir de uma perspectiva decolonial, trabalhar nas fissuras que surgem na práxis educacional (DUBOC, 2015). Sobre essa ação decolonizadora, Queiroz (2020, p. 93) aponta que

Decolonizar os discursos nas sociedades subalternas torna-se mais premente, uma vez que ao fazê-lo está se promovendo inclusões e, simultânea e imediatamente, diminuindo desigualdades e conflitos sociais violentos. Um processo de desconstrução discursiva pode consistir em uma leitura crítica que explicita ideologias, que por meio de mecanismos de linguagem podem estar propositalmente “encobertas”, com finalidade de cumprir objetivos específicos da realidade social- como, por exemplo, as ações e os



pensamentos dos sujeitos-, sempre em meio a ambientes de disputa e de controle pelo poder (QUEIROZ, 2020, p.93).

Dessa forma, para decolonizar é preciso estar atenta/o às ideologias colonizadoras que, através da linguagem, regulam a heterogeneidade e fazem emergir pensamentos homogêneos que marginalizam pretos, pobres, LGBTQIA+<sup>2</sup>, índios e outras minorias (MOITA LOPES, 2006). Para Mota Neto (2018, p. 4), a decolonialidade “designa o questionamento radical e a busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas contra as classes e os grupos subalternos pelo conjunto de agentes, relações e mecanismos de controle, discriminação e negação da modernidade/colonialidade”. Em outros termos, a decolonialidade pensa novas ações políticas a fim de diminuir as desigualdades sociais e tais ações surgem na/da/pela linguagem, como FRANK (2019, p. 24) pontua “a linguagem merece atenção por espalhar uma seara de possibilidades de exame de como tudo é configurado, ao mesmo tempo, pela informação produzida e pelos arranjos sociais e de poder de operação”. Em vista disso, é preciso decolonizar para humanizar e ensinar, pois, ainda conforme Moita Lopes (2006, p. 104), “todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades para compreender a vida social e outras alternativas sociais” e, é sob essa perspectiva que em seguida analisamos a HQ Archie #597 (2009).

### **Análise de um quadrinho típico do Livro Didático**

A HQ Archie #597 (ARCHIE COMIC PUBLICATIONS, Inc. 2009, p. 1-2), presente no LD de Língua Inglesa do 7º ano do Ensino Fundamental II da coleção didática *It Fits* (2015, p.26), se inscreve no subgênero das HQs denominado tirinha, um formato de quadrinho facilmente encontrado em materiais didáticos e que tem como principal característica poucos quadros, efeito humorístico e uma personagem como protagonista da HQ (NICOLAU, 2020). Archie Andrews é a personagem principal de

---

2 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual +.



uma série de quadrinhos estadunidense a qual tem como criadores: John L. Goldwater, Bob Montana e Vic Bloom.

A HQ Archie #597 aparece no LD na proposição de uma atividade em que, inicialmente, os alunos terão que ordenar os quadros da tirinha para dar sentido ao texto. Os demais exercícios relacionados à tirinha questionam sobre a estrutura do gênero HQ e, ainda, acerca do público a qual a HQ Archie #597 (2009) se endereça. Tal abordagem, ignora a linguagem não-verbal extremamente relevante para refletirmos sobre o corpo, bem como, sobre questões sociais e culturais. Dessa forma, a tirinha colabora para o que Moita Lopes (2011) ressalta ao falar sobre uma Linguística Aplicada que apaga nossas subjetividades e, em consequência disso, anula nossa alteridade e disciplina nosso olhar. Tal percepção, nos leva a tomar valores burgueses que emergem dos discursos e produzem efeitos de sentido que determinam valores que moldam a sociedade em que vivemos (OLIVEIRA, 2007).

Como mostra a figura 1, logo abaixo, a tira Archie #597 apresenta, brevemente, a manhã de um adolescente americano branco de classe média alta que foi escolhido para participar de um *reality show*<sup>3</sup> chamado “*Typical Teenager*” (Adolescente típico). O dia de Archie começa com uma equipe de TV a sua porta, o que deixa seu pai completamente assustado que perturbado com o ocorrido, o questiona sobre o que está havendo e Archie então conta que está participando de um *reality show* que acompanha adolescentes “representativos” em um dia típico. Então, Archie sai para a escola deixando toda a sujeira do seu café da manhã para trás o que faz com que o pai dele fique pensativo o filho ser um adolescente típico. Portanto, a linguagem verbal gira em torno do termo *typical* (típico, característico), essa regularização do aparecimento do adolescente estadunidense branco como o típico reforça o estereótipo do colonizador europeu. Isso ocorre na/pela opacidade da língua e colabora para o apagamento das subjetividades dos sujeitos leitores.

<sup>3</sup> Gênero de programação de televisão que visa registrar situações da vida real



Figura 1 - Quadrinho Archie #597



Fonte: Archie Comic Publications, Inc. (2009, p.1-2)

No que concerne à materialidade imagética, destacamos que todos os personagens da tirinha são brancos: pai, filho, cinegrafista, contrarregista e repórter e segundo, Ribeiro (2019, p. 13)

A ausência ou baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, **todos** devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros em antologias, pensadores negros na bibliografia de curso universitários, protagonistas negros no audiovisual. E, para além disso, é preciso pensar em ações que mudem essa realidade (RIBEIRO, 2019, p. 13).

Nessa direção, a linguagem não-verbal evidencia uma memória social que, implicitamente, vem determinando as relações de poder que atravessam os sujeitos na história e que retornam em uma regularidade discursiva. Esse retorno da memória social, segundo Gregolin (2011) ocorre num jogo dialético de memória e apagamento. Assim, entendemos que o LD, como produto de saber, deve trazer personagens mais



heterogêneos que dialoguem com outras culturas além da britânica e estadunidense trazendo uma perspectiva intercultural como Walsh (2019, p. 9) ressalta:

Mais que a simples ideia de inter-relação (ou comunicação, como geralmente se entende no Canadá, Europa e Estados Unidos), a interculturalidade aponta e representa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma outra forma de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade, e um paradigma outro, que é pensado por meio da práxis política (WALSH, 2019, p. 9).

Dessa forma, pensamos que, mesmo em um LD de língua inglesa, seria importante haver uma abordagem da língua como franca e, ainda, uma valorização da diversidade. Sargentini (2011, p. 121) afirma que “o texto sincrético em seu conjunto – imagem e verbo- constrói e sustenta os discursos que circulam na sociedade”, assim, pensar a linguagem e o ensino por meio de uma perspectiva decolonial é querer movimentar os discursos. Portanto, “as pedagogias decoloniais estimulam o pensar a partir de genealogias, racionalidades, conhecimentos, práticas e sistemas civilizatórios e de vida distintos” (MOTA NETO, 2018, p.6).

Outro aspecto da tirinha que vale ressaltar está presente na linguagem verbal da tirinha e é uma referência à indústria estadunidense de filmes, Hollywood. Acreditamos que ao tratar de produtos de cultura de massa, seria interessante apresentar aos alunos a existência de outras indústrias cinematográficas como as indianas Bollywood e Kollywood. Nessa perspectiva, a noção de inglês como língua franca faria mais sentido para o/a estudante.

Por fim, questionar toda essa ordem discursiva que se apresenta se faz necessário em tempos nos quais percebemos a importância de nos conhecer, de conhecer ao próximo, de nos enxergar, de nos reconhecer e de estarmos presentes em todos os lugares.

## Considerações finais



Este estudo é fruto de uma frustração em relação ao LD enquanto professora de línguas, recém-formada. Foi no início da carreira docente que notei que os livros didáticos de língua inglesa distribuídos nas escolas públicas do Estado de Goiás através do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) pouco contemplavam uma perspectiva decolonial e intercultural de ensino. Isso me instigou a estabelecer novos diálogos em sala de aula e, como professora, a trabalhar considerando a diversidade e a consciência social.

Dessa maneira, esta pesquisa nos ajuda a compreender que nem sempre o LD irá fornecer dispositivos suficientes para uma educação humanizadora e heterogênea, mas que é preciso lançar um olhar crítico e atento para elementos que estão implícitos, bem como, provocar nossas/os estudantes a pensarem sobre isso.

### **Agradecimentos**

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) por financiar as pesquisas que venho desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Cora Coralina.

### **Referências**

CARVALHO, I. M. **A transposição didática do gênero História em Quadrinhos (HQ) no 9º ano do Ensino Fundamental**. 215f. Dissertação. Mestrado Profissional em Letras em Linguagens e Letramentos da Universidade Federal do Ceará, 2018.  
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/31831>

COUTO, A. L. **It Fits: Inglês, 7º ano: anos finais: ensino fundamental**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

DUBOC, A. P. Letramento crítico nas brechas da sala de línguas estrangeiras. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2015. p. 209-229.



FRANK, H. Decolonização, gênero e educação linguística. In: BELTRÃO, M. E.; BARROS, S. M. (Org.). **Transgressão como prática de resistência: um olhar crítico sobre os estudos queer e a socioeducação**. Cuiabá: EDUFMT, 2019. p. 17-30.

FERRAZ, D.; DUBOC, A. P.; SOUZA, L. M. M. Pesquisas, políticas e práticas educacionais em curso: conversa com Ana Paula Duboc e Lynn Mario Menezes de Souza sobre heterogeneidade e normatividade. Entrevista. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(59.3): 2330-2355, set./dez. 2020

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8660014>

GREGOLIN, M. R. Análise do Discurso e Semiologia: Enfrentando discursividades contemporâneas. In: Piovezani, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 83-106.

LUYTEN, S. M. B. **Quadrinhos na sala de aula**. TV ESCOLA/SALTO PARA O FUTURO. História em quadrinhos: um recurso de aprendizagem, Ano XXI Boletim, 2011.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

MOTA NETO, J. C. **Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana**. Folios, n. 48, p. 3-13, 2018.

<https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RF/article/view/8131>

NICOLAU, M. **Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico**. 2. ed. Paraíba: Marca da Fantasia, 2020.

<http://marcadefantasia.com/livros/quiosque/tirinha/tirinha2ed.pdf>

OLIVEIRA, S. R. N. **Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

QUEIROZ, L. **Decolonialidade e concepções de língua: uma crítica linguística e educacional**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2020.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARGENTINI, V. M. O. Contribuições da Semiologia Histórica à Análise do Discurso. In: Piovezani, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 107-126.



VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, A; RAMOS, P.; VILELA, A. R.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p.7-30.

WALSH, C. Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **RFDP**, v. 5, n. 1, p. 6-38, 2019. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>